



O PRÍNCIPE FELIZ
E OUTRO CONTO

PEDRO FANTI

O PRÍNCIPE FELIZ
E OUTRO CONTO



PEDRO FANTI

© Pedro Fanti, 2018

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao programa de Bacharel em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação do Prof. Dr. Rodrigo Núñez, como requisito parcial e final à obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

FANTI, Pedro

O Príncipe Feliz e Outro Conto

Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes,
Programa de Graduação em Artes Visuais, 2018.

Revisão: Rafael Lamonatto

140 p.

TCC (Bacharelado em Artes Visuais). UFRGS. IA. COMGRAD.

1. Artes Visuais
2. Ilustração
3. Oscar Wilde
4. O Príncipe Feliz

O PRÍNCIPE FELIZ E OUTRO CONTO

Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado

PEDRO FANTI

PORTO ALEGRE, JANEIRO DE 2018.

A banca examinadora, reunida para avaliação no dia 15 de janeiro de 2018, foi constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Paulo Antônio de Menezes Pereira da Silveira

Prof. Dra. Laura Gomes de Castilhos

Prof. Dr. Rodrigo Núñez (Orientador)

Ao Bruno Salvaterra, que me ajudou e me apoiou em todas as etapas, desde o meu primeiro dia de aula.

Ao meu orientador Rodrigo Núñez e sua co-piloto Adriana Daccache, sempre atenciosos e pacientes.

A todos os professores que fizeram parte dessa trajetória, com uma ênfase especial para os integrantes da minha banca, Paulo Silveira e Laura Castilhos, e também às duas professoras que tiveram grande importância para este trabalho sair como saiu, Paula Ramos e Paula Mastroberti.

Aos amigos e colegas, Ana Cândida Sommer, Antônio Vasques e Guilherme Castro, que acompanharam o processo e encheram meu ego de elogios que eu não deveria precisar mas que me incentivaram muito a terminar.

À minha mãe preferida.

Resumo

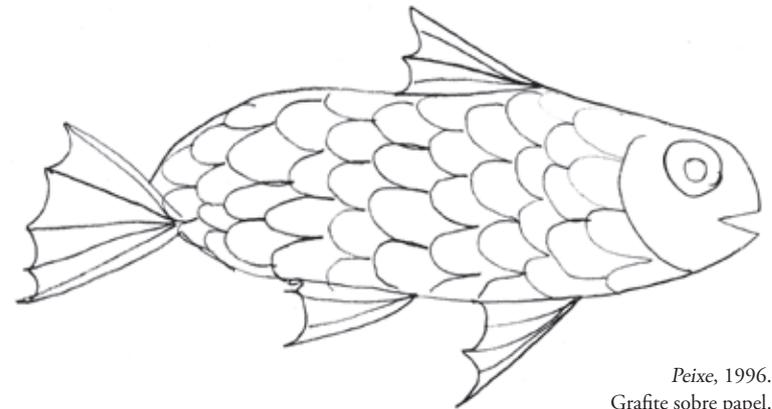
O presente texto é um relato e uma reflexão sobre o processo de produção de um trabalho em ilustração dentro da universidade. Criei um projeto gráfico com o intuito de produzir um livro a partir do conto *O Príncipe Feliz* de Oscar Wilde. Este trabalho tem caráter autobiográfico, enfatizando a minha experiência tanto como aluno quanto como profissional. O resultado desta pesquisa foi a produção de um material físico que contém ilustrações para uma tradução mais atualizado do conto de Oscar Wilde.

Palavras-chave: ilustração, poética, processo, Oscar Wilde.

INTRODUÇÃO	15
O PAVÃO IRLANDÊS	25
A ESCOLHA DO CONTO	33
TRADUÇÃO DO TEXTO EM IMAGEM	39
SEGREDOS DA GUARDA	47
O PROCESSO	55
O PROCESSO DE ILUSTRAÇÃO: DEUS MEMNOM	63
ERA UMA VEZ UMA CAPA	81
TRADUÇÃO DO TEXTO EM TEXTO	89
A LETRA E A FONTE	93
DIAGRAMAÇÃO	99
PRIMEIRAS IMPRESSÕES	103
OUTRA MORAL DA HISTÓRIA	107
REFERÊNCIAS	113
O PRÍNCIPE FELIZ	119

INTRODUÇÃO

O desenho está presente na minha vida desde que eu era pequeno. Tenho vários cadernos e pastas muito antigos cheios deles. Sempre fui inspirado por livros, desenhos animados, videogames e quadrinhos, aos quais tive acesso por ser o filho mais novo de quatro crianças. Ouvi infinitas vezes minha família dizer que eu estava “fazendo arte”, porém nem eu mesmo sabia que isso poderia virar uma profissão.



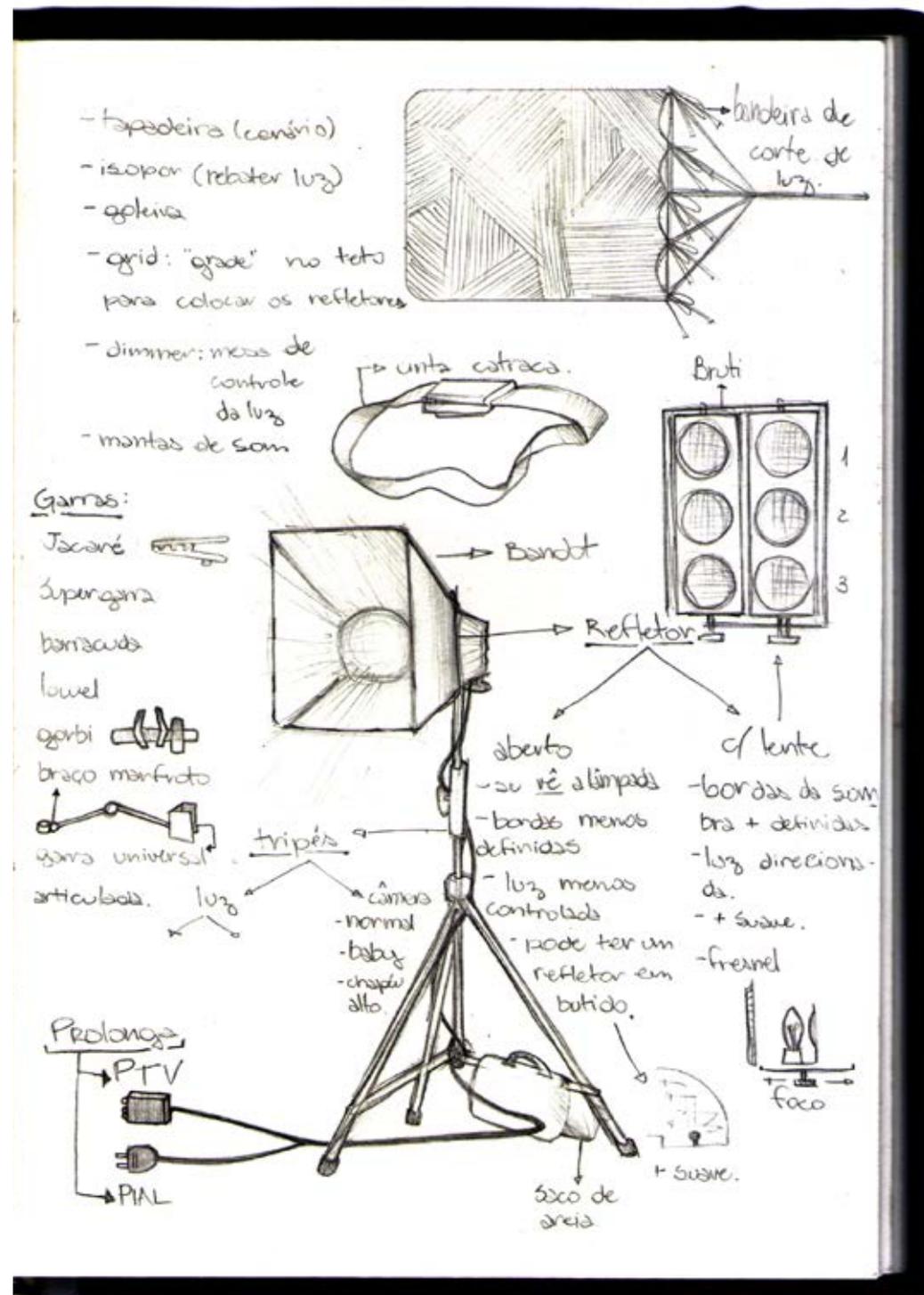
Peixe, 1996.
Grafite sobre papel.

Meu primeiro trabalho remunerado foi um convite da Prof.^a Anna Busko para realizar ilustrações para uma exposição sobre a influência da arquitetura portuguesa no Brasil no Museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no ano de 2004. Busko foi professora de arquitetura e coordenou a equipe que formulou a proposta para a criação dos cursos de

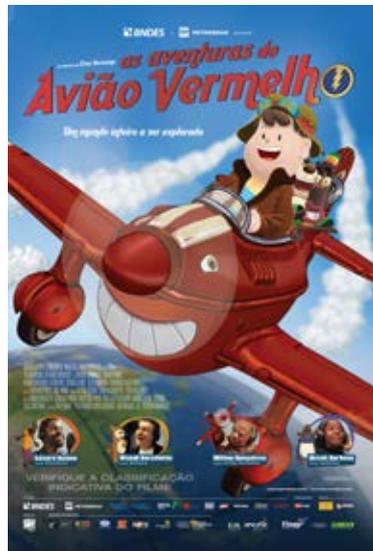
Design de Produto e de Design Visual da UFRGS. Toda a convivência que tive com a professora e sua família durante a adolescência chamou a minha atenção para o design e a arquitetura.

Ainda no ensino fundamental, as matérias que eu tirava boas notas eram aquelas nas quais os professores reconheceram meu interesse em desenho. Assim que me proibiam de rabiscar, eu passava a prestar menos atenção na aula. Desenhar sempre foi algo que ajudou a focar minha atenção. Consigo, até hoje, me concentrar melhor se estou desenhando. Lembro que meus professores de física notaram isso e me permitiram desenhar a matéria com gráficos e ilustrações, ao invés de apenas escrever. Foi assim que eu comecei a tirar nota máxima nas disciplinas que antes eu costumava ir muito mal.

Ao terminar o ensino médio, decidi cursar Produção Audiovisual na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e logo fiz meus primeiros estágios de direção de arte. O primeiro foi como assistente de arte para a realização do episódio piloto de *Bolota & Chumbrega* (2010), seriado de animação da produtora Armazém de Imagens. Estágio, esse,



que me foi oferecido por causa dos meus rascunhos na aula de roteiro, nos quais eu fiz minha versão dos personagens do seriado. Após o término desse estágio, continuei trabalhando com a mesma produtora na versão animada de *As Aventuras do Avião Vermelho* (2014), adaptação do texto homônimo de Érico Veríssimo (cf. VERÍSSIMO, 2003).



As Aventuras do Avião Vermelho, 2013.



Dino Aventuras, 2015.

Após a conclusão do curso de Produção Audiovisual, fui aprovado no edital de Ingresso Diplomado para o curso de Artes Visuais – Bacharelado na UFRGS. Foi um caminho bastante turbulento até definir o que seria este

trabalho. Minha primeira ideia de projeto era fazer uma história em quadrinhos, porém, logo mudei de ideia para um trabalho imenso em xilogravura. Minhas pretensões foram interrompidas pela oportunidade de trabalhar para uma série de animação da Disney chamada *Dino Aventuras* (2015). No fim da produção da série, eu já me sentia mudado. Não era mais a mesma pessoa que teria feito xilogravuras para um trabalho de conclusão. Estive com o curso trancado por um ano e só tive contato com a xilogravura na faculdade, onde fiz todas as disciplinas disponíveis de gravura. Essas técnicas me influenciaram bastante; no entanto, não passaram de estudos.

Voltando à UFRGS, tive a oportunidade de participar do curso de Extensão Ilustração e Livro-Arte em 2016, ministrado pela professora Paula Mastroberti no Instituto Estadual do Livro. Nesse curso, fizemos, em conjunto, ilustrações para o livro *Lendas do Sul* de Simões Lopes Neto (cf. NETO, 2012) uma compilação de lendas de um dos mais importantes escritores do Rio Grande do Sul. Cada ilustrador foi responsável por representar uma parte do livro, sendo que a mim coube a história de Mboitatá. Lembro de ter ficado



Mboitatá, 2016. Ilustração digital.

assombrado pela versão de Nelson Boeira Faedrich, que analisei de perto na exposição *Modernidade Impressa* no Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli com curadoria de Paula Ramos em 2016, logo após ter concluído a renderização da minha ilustração. Repensei vários detalhes quando já era tarde demais. O curso da professora Mastroberti me ajudou a preencher muitas das lacunas que eu tinha para fazer um livro e me ensinou a desapegar dos detalhes depois que o trabalho já tenha sido concluído.

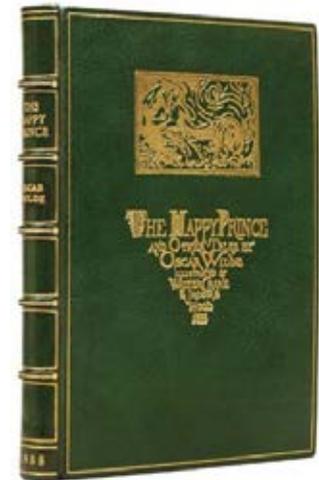
Eu estava pronto para enfrentar o trabalho de conclusão de curso mais uma vez. Ao longo destes anos, tive algumas publicações de ilustrações e de material gráfico, mas essa é a primeira vez que realizo um projeto completamente idealizado por mim. Todas as experiências anteriores tiveram um papel importante para a realização deste projeto. De fato, meu trabalho não poderia ser outro senão um que refletisse minha prática e que não gerasse um resultado puramente acadêmico. Nessa altura, eu já estava decidido a ilustrar um livro.

Considerei trabalhar com poemas, músicas e cordéis. Por fim, no entanto, decidi usar uma obra de domínio público, pois tive a intenção de que este trabalho pudesse se desdobrar em uma futura publicação. Durante o período de pesquisa de obras, descobri que Oscar Wilde estava disponível. Me identifiquei bastante com o humor e a ironia das obras do autor e, também, com muitas das questões biográficas. Por isso, não quis deixar passar a oportunidade de trabalhar com ele.

O PAVÃO IRLANDÊS

Oscar Wilde nasceu em Dublin, Irlanda, no dia 16 de outubro de 1854. Foi autor de poesias, contos e peças de teatro que têm em comum um tom majoritariamente irônico e sarcástico. Cresceu rodeado de intelectuais, sendo que seus pais, Jane Wilde e William Wilde, foram, também, escritores de poesia e folclore. Oscar Wilde foi criado como protestante, contudo, posteriormente, se converteu ao catolicismo. Era bastante estudioso e se interessou pela poesia e pelos clássicos da literatura, principalmente os gregos. Estudou na Trinity College, a universidade mais antiga de Dublin, e ganhou uma bolsa de estudos para estudar na Magdalen College, em Oxford, no Reino Unido.

Wilde foi integrante do movimento estético denominado Dandismo, no qual preocupações artísticas e de aparência pessoal eram uma forma de enfrentar o mundo industrializado. Após proferir uma série de palestras sobre o tema em viagens pelos



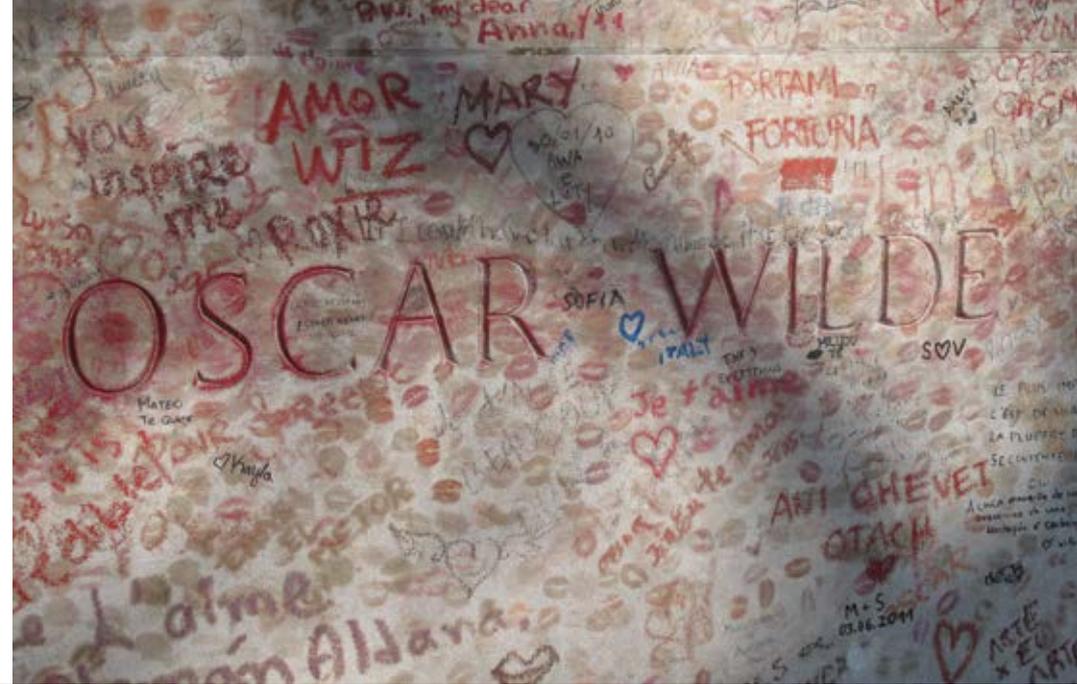
Primeira edição de *The Happy Prince and Other Tales*, 1888.

Estados Unidos, se mudou para Paris em 1883 e abandonou o movimento. Em 1884, voltou à Inglaterra e se casou com Constance Lloyd, com quem teve dois filhos, Cyril e Vyvian Wilde. Em 1888, escreveu para seus filhos *O Príncipe Feliz e Outros Contos* (*The Happy Prince and Other Tales*. WILDE, 1888). Em 1891, publicou seu primeiro e único romance: *O Retrato de Dorian Gray* (WILDE, 1981).

Em 1895, Wilde foi acusado de ter um caso amoroso com



Oscar Wilde e Bosie Douglas em Oxford, 1893.



Túmulo de Oscar Wilde no cemitério Père-Lachaise em Paris.

Lorde Alfred Bruce “Bosie” Douglas, filho do Marquês de Queensberry, o qual passou a perseguir Wilde na tentativa de salvar o filho. Depois de três julgamentos, Wilde foi condenado a dois anos de prisão e trabalho forçado por pederastia. Através das barras, Wilde viu sua fama desmoronar. Seus livros foram recolhidos, suas comédias retiradas de cartaz e seus filhos trocaram de sobrenome. Na prisão escreveu *A Balada Do Cárcere de Reading* (WILDE, 1999) e *De Profundis* (WILDE, 2014), uma longa carta a Bosie. Wilde foi libertado em 1897 e mudou-se para Paris, usando o pseudônimo Sebastian Melmoth, falecendo pouco tempo depois, em 1900.

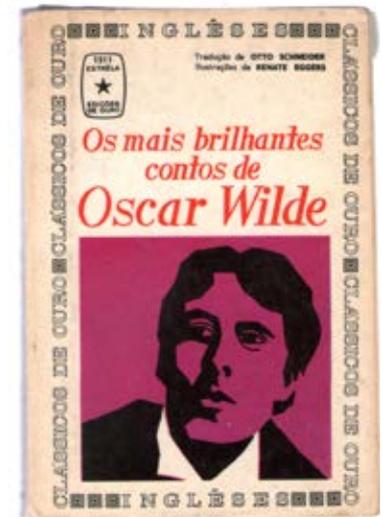
Atualmente, seu túmulo se encontra no cemitério *Père-Lachaise* em Paris. A escultura que adorna sua tumba foi feita por Jacob Epstein e causou grande controvérsia na época, muitos alegando que Wilde não merecia um monumento. Hoje, o túmulo é visitado por milhares de pessoas e se tornou tradição beijá-lo usando batom. Isso faz com que a escultura esteja sempre cheia de marcas de lábios. Em 2011, foi colocada uma barreira em volta do mausoléu para protegê-lo, o que não impediu os beijoqueiros de atacarem o vidro.

30

Wilde tem descendentes vivos até hoje. Seu único neto, Merlin Holland, é biógrafo do avô e teve vários livros publicados nos quais relatou a vida do avô através dos documentos da família.

A ESCOLHA DO CONTO

Eu tenho em casa uma edição muito antiga de *Os Mais Brilhantes Contos de Oscar Wilde* (WILDE, 1969). Quando pensei em usar um texto de Oscar Wilde, eu reli o livro para escolher uma das histórias para ilustrar.



O Príncipe Feliz é a história de uma andorinha

Os mais brilhantes contos de Oscar Wilde.
Edições de Ouro, Rio de Janeiro, 1969.

que, chegando o período de migração, decide não viajar para o sul pois está apaixonada por um junco. Depois de se desiludir com essa relação, ela voa para a cidade para, lá, passar a noite antes de partir para o Egito. O pássaro escolhe a estátua do Príncipe Feliz como lugar para descansar. O príncipe, por sua vez, estava muito triste; quando era vivo ele não sabia que existia tanta miséria no reino, porém, agora, de alto de sua coluna, conseguia ver tudo. Cheio de remorso, ele pede à andorinha para ajudá-lo a dividir suas posses – um rubi, duas safiras e todas suas folhas de ouro – entre os necessitados

que vê de cima da coluna. A andorinha atende aos desejos do príncipe. No entanto, quando o inverno finalmente chega, já é tarde demais para ela. A andorinha se despede do príncipe com um beijo e morre. No mesmo instante, algo quebra dentro do príncipe.

Gosto desse conto porque existem nele muitos elementos que são recorrentes nas obras de Wilde (homossexualidade, superficialidade e afetos). No texto publicado originalmente em inglês, por exemplo, o autor faz uso do pronome *he* (ele) para se referir à andorinha, sugerindo uma relação homoafetiva entre a ave e o príncipe. Percebo, ainda, uma forte ambiguidade no fato de o príncipe ser visto por todos como feliz, mas, na realidade, isso é baseado apenas na aparência da estátua. No final do conto, o príncipe acaba parecendo por fora como ele é por dentro: nu de sua dourada superficialidade. Ele não só é triste, como também leviano, usando, para se sentir melhor sobre suas próprias ações em vida, o afeto da andorinha, que está carente após a decepção com o junco, sem se importar em sacrificá-la. Essa ambiguidade em relação às aparências é também o tema central de *O Retrato de Dorian Grey*

(WILDE, 1891).

Gosto de contos de fadas e especialmente desse. O Príncipe Feliz parece conter uma moral sobre ser altruísta, quando, na verdade, todos os personagens revelam-se questionáveis durante a história. Me identifico com o senso de humor do autor e também com o fato de ele ser uma personalidade queer. No princípio do processo deste trabalho, eu estava à procura de um texto com o qual sentisse alguma ligação direta com o autor e, também, com o tema da obra. Por isso, inicialmente, eu havia pensado em escolher um autor brasileiro. Mudei de ideia ao perceber que as obras de Oscar Wilde estavam em domínio público. Eu consigo me relacionar mais pessoalmente com os temas dessa narrativa, em especial, por abordarem, do meu ponto de vista, questões LGBTQ+ que considero terem pouca representatividade no universo literário dos contos infantis.

TRADUÇÃO DO TEXTO EM IMAGEM

Depois de reler o conto e o texto original em inglês, comecei os esboços da andorinha e do príncipe. Após vários estudos de referências, acabei optando por um príncipe bastante jovem. Para instalá-lo, escolhi usar uma coluna de ordem dórica, fazendo uma referência às tragédias gregas que Oscar Wilde tanto gostava. Tive a intenção de fazer com que a cidade representada nas ilustrações não se parecesse com um lugar específico; por isso, procurei por imagens de várias cidades da Europa para fazer uma colagem e usar como referência.

Durante o processo de trabalho, continuei procurando por outras edições ilustradas do mesmo conto, diferentes daquela que eu tinha em casa. Enquanto trabalhava nas ilustrações, foi lançada uma publicação de uma ilustradora britânica chamada Maisie Paradise Shearring que chamou

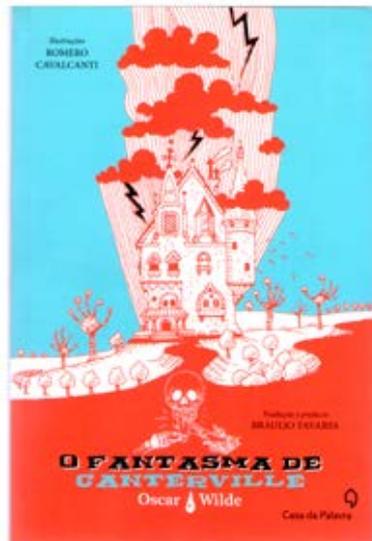


O Príncipe Feliz, 1888.
Edições SM, São Paulo, 2016.



minha atenção. Foi a primeira publicação que encontrei que apresentava um tratamento de livro infantil que eu pessoalmente gostasse. Muitas das interpretações, através de adaptações de texto e ilustrações, não pareciam considerar a ironia da história do Príncipe Feliz, ignorando as críticas sociais, políticas e religiosas no entanto essa edição leva em consideração esses aspectos.

A partir dessa pesquisa por outros ilustradores que trabalharam com o conto, defini que a personagem principal não deveria ser estática, apesar de ser uma estátua. O quê, na minha versão, delimita a movimentação dele é a coluna na qual ele está posicionado. Lá em cima, ele pode ficar como quiser. Essa definição me deu mais liberdade para movimentação da personagem nas ilustrações, tanto para não causar monotonia quanto para

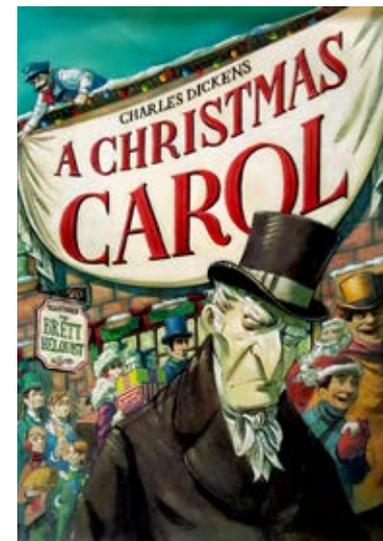


O Fantasma de Canterville.
Casa da Palavra, São Paulo, 2011.

poder dramatizar mais através de poses diferentes. Para os transeuntes da história, porém, o príncipe não se move. Eles não parecem notar nada da movimentação e do drama que se desenrola sobre a coluna onde está o príncipe.

Na busca por outras referências visuais, acabei me deparando com outro texto de Oscar Wilde ilustrado por um artista contemporâneo: uma edição de *O Fantasma de Canterville* (WILDE, 2011), ilustrada pelo paraibano Romero Cavalcanti, que me encorajou bastante a prosseguir. Também usei como inspiração uma adaptação de um outro autor: *Um*

Conto de Natal (DICKENS, 2009) feita pelo americano Brett Helquist. Ambos os artistas ilustraram autores clássicos com obras em domínio público. Me senti muito bem acompanhado e isso reforçou a minha convicção sobre o que eu havia decidido fazer.

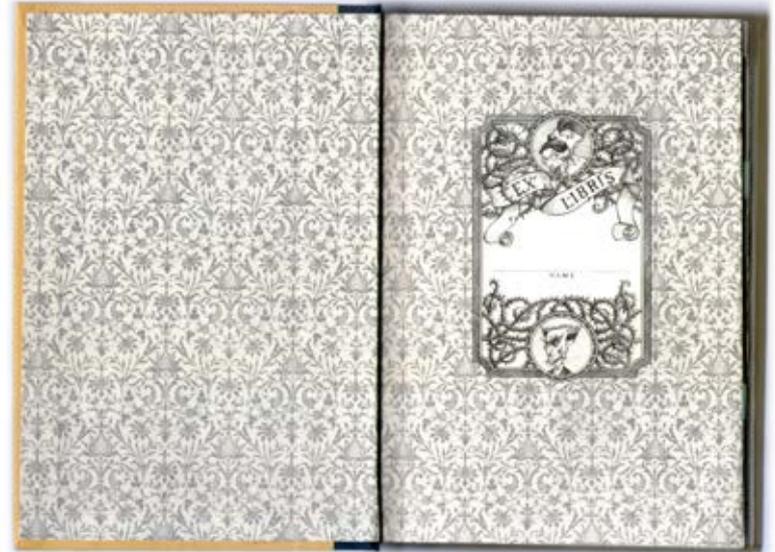


A Christmas Carol.
HarperCollins, Nova Iorque, 2009.

SEGREDOS DA GUARDA

Desde os rascunhos, eu considerei muito a integração do texto com as ilustrações e decidi começar a pensar sobre isso desde a folha de guarda. Foram muito marcantes na minha infância os livros *Desventuras em Série* (SNICKET, 1999). Na folha de guarda de cada volume havia um padrão repetitivo e uma janela para o dono do livro escrever seu nome. Em volta dessa janela, era possível ver: acima, o retrato dos personagens principais e, abaixo, o do vilão. A partir do volume dois, esses retratos iam mudando e dando dicas sobre a história. Por exemplo, quando o disfarce usado pelo vilão era revelado no retrato. A partir do livro nove, são os protagonistas que

49



A Series of Unfortunate Events: The Bad Beginning. HarperCollins, Nova Iorque, 1999.

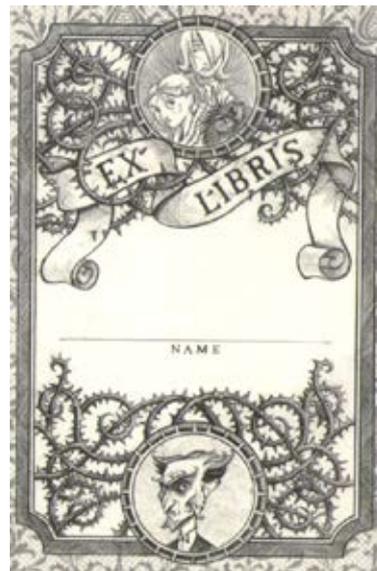
começam a estar disfarçados nessa abertura.

Desventuras em Série (SNICKET, 1999) é uma coleção de 13 livros, com 13 capítulos cada um, que conta a história dos três órfãos Baudelaire fugindo da organização secreta que matou seus pais. Foi escrita por Daniel Handler sob o pseudônimo Lemony Snicket que também é um personagem da série. Esses livros tornaram o ilustrador Brett Helquist conhecido.

50



The Reptile Room.
HarperCollins, Nova Iorque, 1999.



The Carnivorous Carnival.
HarperCollins, Nova Iorque, 2002.

Nas folhas de guarda, eu queria usar um padrão de andorinhas voando, similar a um trabalho de design de



Os Pássaros.
Ilustração digital, 2014.

superfície que eu havia feito anteriormente no curso. Logo quando se abre o livro, se pode notar que o padrão não é um padrão, porque um dos módulos apresenta a ave indo para o lado contrário das outras. Eu quis representar, antes mesmo de começar a história, aquela andorinha que ficou para trás quando seus companheiros migraram para o Egito. Essa primeira folha de guarda acaba atuando como um prólogo para a história ao dizer aquilo que aconteceu que, porém, só será notado no decorrer do conto. Na folha de guarda do fim do livro, usei o mesmo padrão, mas sem a andorinha que voa

para o lado oposto, pois ela é única.

Na folha de anterrosto, a andorinha aparece junto ao título de *O Príncipe Feliz*, representando que, agora, ela está sozinha na cidade com o príncipe enquanto todas as outras foram embora. A andorinha é tão importante para mim na história quanto o príncipe, por isso fiz jus a ela como tema para essa partes gráficas da capa, da folha de guarda e de anterrosto.



O PROCESSO

Inicialmente, tentei dividir o texto destacando as passagens em que achei importante que houvesse ilustrações. Criei pequenos ícones, conhecidos como *thumbnails*, cada um com diferentes planejamentos para manchas de textos e ilustrações. Isso me possibilitou gerar uma variação nos tipos de *layout* e simular a quantidade de ilustrações necessárias. Eu quis respeitar o texto e seu espaço, pensando em uma equivalência em relação às ilustrações em termos de importância. Não quis fazer dessa relação entre texto e imagem uma briga, mas sim um diálogo.

57

A partir dos *thumbnails* que havia desenhado, criei esboços e montagens digitalmente para ter mais facilidade em redimensionar elementos e equilibrar as composições. Imprimi esses esboços digitais para desenvolvê-los à mão com o uso de uma mesa de luz, usando grafite 0.3mm e papel creme de 90g/m para, depois, digitalizá-los em 300 pontos por polegada (*ppp/dpi*). Durante esse processo, montei colagens de cores usando papéis e revistas para usar como referência na hora de pintar e depois fui limitando aos poucos a paleta de cores. Pinte os desenhos usando a técnica de *cell shade*, na qual não

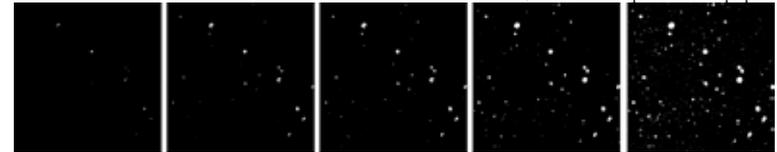


Estudo de cores para o Egito, 2017.
Colagem.

há transição entre uma cor e outra.

Utilizei sobre os desenhos já pintados uma retícula de pontos e uma de respingos, além de filtros de cor, tudo com a finalidade de representar de formas diferentes a passagem do tempo. A partir de retículas de respingos feitos com nanquim,

Neve, 2017. Nanquim sobre papel.



eu usei um filtro de *stroke* que acrescenta uma linha de contorno aos respingos em cada desenho ao longo da sequência. Isso gradativamente aumenta a quantidade de flocos de neve durante a passagem do tempo na história, desde uma neve fraca até uma nevasca. Acrescentei, também, uma retícula de pontos que ficam cada vez mais próximos para criar uma transição da cor do céu de um quadro para o outro. E, por fim, sobrepus uma escala de filtros que utilizei em sequência para criar a sensação de que a história toda se passa ao longo de apenas um dia, apesar disso não estar de acordo com o texto. Dessa forma, se colocadas lado a lado as ilustrações, pode-se notar o degradê entre as páginas,



começando com uma manhã quente e terminando no outro dia com o início de uma manhã fria.

Ao longo desse processo de pintura e tratamento digital, algumas escolhas de como representar simbolicamente elementos que considerei importantes na história foram se concretizando aos poucos. Nas cenas em que aparecem os três personagens que ganham pedras preciosas do príncipe (a costureira, o escritor e a vendedora de fósforos), coloquei alguma representação de fogo. O dourado desse fogo foi o mesmo que usei para pintar o príncipe, pois quis que isso representasse a presença dele como observador oculto em cada uma dessas cenas. Nas duas ilustrações que representam descrições da andorinha sobre o Egito, me dei uma liberdade maior para usar uma paleta de cores singular, pois se tratava da percepção da ave sobre suas próprias memórias. Da mesma forma, também tomei maior liberdade em relação às cores no *flashback* do príncipe brincando no castelo e no desenho final por serem momentos à parte da linha de tempo principal da história.



O PROCESSO DE ILUSTRAÇÃO:
DEUS MEMNOM



capa

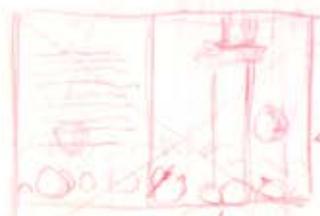


guarda

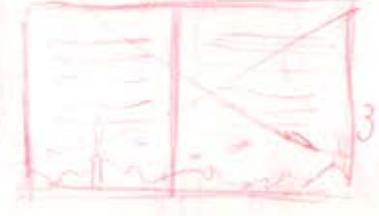


o principe e o

seu



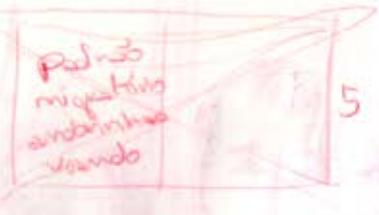
2



3



4



5

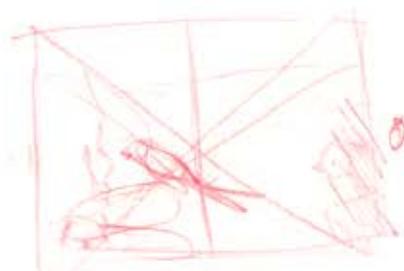


6

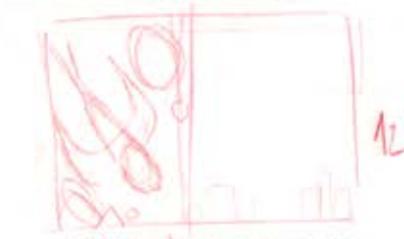


7

liturgia



costureira



12

anjos de marmore
catedral andorinha
e rubi
patris



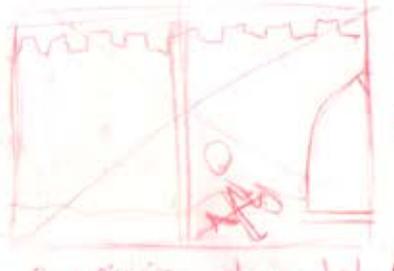
11

o calor e o professor
mitologia

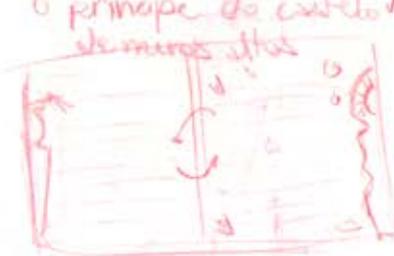


16

o jovem escritor



15



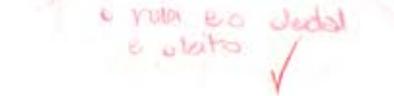
o principe do castelo
de muros altas

14

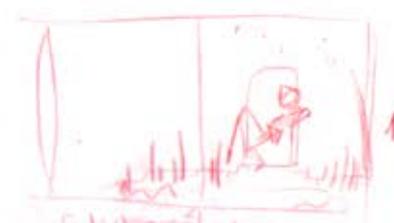


o principe e o rei

13



o ruia e o dedal
e o lato



15

o hipopotamo e o
deus



18

o porto









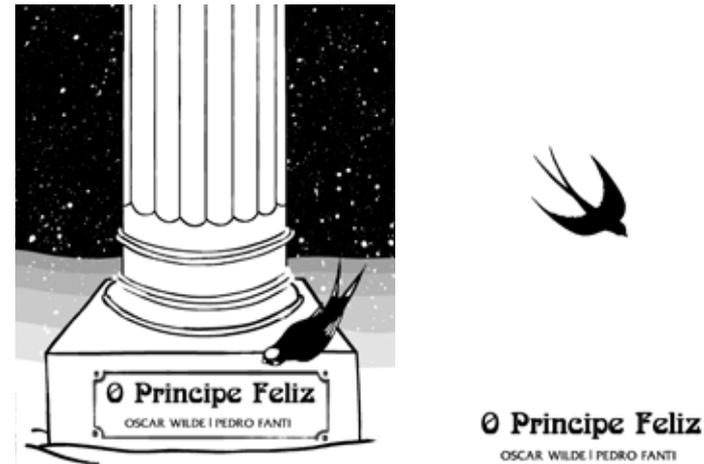






ERA UMA VEZ UMA CAPA

Os primeiros esboços que realizei da capa foram feitos ao mesmo tempo que os desenhos do miolo do livro. Porém, depois de digitalizar os desenhos a lápis, eu não estava satisfeito com o resultado dessa parte tão importante do trabalho. Decidi, então, adiar essa decisão até a finalização do o miolo.



Estudos para capa. Ilustração Digital 2017.

Quando voltei à capa, resolvi usar como referência os desenhos do miolo do livro que já estavam finalizados. Dessa forma, me distanciei do ponto de vista do ilustrador, procurando pensar mais como um capista. Assim, procurei criar um outro tipo de linguagem visual para a capa do livro que estivesse relacionada com aquela usada no seu interior, mas, ao mesmo tempo, mais limpa e abstrata.

Utilizei a silhueta da andorinha que aparece nas folhas de guarda, mas excedendo os limites da capa e criando uma mancha, que pode não ser reconhecida antes de o livro ser aberto. Na primeira versão dessa capa, usei os tons de azul que já compunham a paleta de cores do livro. Após a apresentação da pré-banca, considerando as colocações dos professores sobre a frieza dessa ilustração em comparação ao miolo, eu testei muitas outras cores. Acabei desistindo das cores de dentro do livro e optando por uma nova paleta, com maior contraste. Com o mesmo propósito de criar uma sensação mais pessoal e menos distante, desenhei à mão uma fonte para o título da capa inspirado pela fonte que uso nos títulos das partes internas. Por fim, sobrepus na ilustração a retícula de respingo utilizada anteriormente, que também foi feita à mão. Tudo isso, para mim, reforçou a relação da capa com o miolo do livro.

Assim como na folha de guarda, que imaginei como uma espécie de prólogo da história, na capa também quis mostrar algo que considero revelador da ambiguidade presente no título do conto.

– Por que você não é como o Príncipe Feliz? – perguntou uma mãe perspicaz ao seu filhinho que teimava em chorar – O Príncipe Feliz nunca chora por nada. (WILDE, 2010, p. 29)

O título do conto é *O Príncipe Feliz*, e é isso que ele representa para as pessoas do seu reino. Também no imaginário popular, o príncipe representa um personagem encantado que heroicamente conquista a felicidade. Nessa história, descobrimos, ao conhecer o príncipe, que apesar de ele ter sido retratado com ingênua felicidade em sua escultura, sob sua superfície dourada havia a ignorância. No tempo em que esteve vivo, o príncipe jamais saiu da proteção dos muros de seu castelo, desconhecendo as tristezas da vida das pessoas comuns de seu povo. Assim como aqueles que admiravam a beleza e a serenidade da estátua do príncipe, julgamos o livro pela capa.

Capa para O Príncipe Feliz, 2017.



A primeira versão que li desse conto foi traduzida por Otto Schneider e publicada como parte de uma coleção de livros de bolso chamada *Clássicos de Ouro*, de 1969. Na minha percepção, essa tradução, hoje, está consideravelmente datada, além de não estar em domínio público, assim como as traduções ainda mais recentes desse texto.

Durante a pesquisa, descobri, no entanto, que algumas vezes o conto foi traduzido como trabalho de conclusão de alunos de cursos universitários de Letras. Encontrei um ótimo texto de Chisato Watanabe (cf. WATANABE, 2010), formada na Universidade Federal do Paraná, que decidi usar por se tratarem ambos, o meu e o dela, de trabalhos acadêmicos sem fins lucrativos. Ela reuniu e analisou três traduções, feitas por Rosalina Coelho Lisboa, Otto Schneider e Paulo Mendes Campos, para propor uma nova tradução que considere muito mais atualizada.

As obras de Wilde foram muitas vezes associadas esteticamente com o *Art Nouveau* em diversos projetos gráficos realizados para seus textos. Considero como um dos exemplos mais bem sucedidos dessa relação a publicação feita em 1894 de *Salomé* (WILDE, 2010), ilustrada por Aubrey Beardsley, um dos mais importante nomes para o desenvolvimento do que hoje é conhecido como *Art Nouveau*. No caso do conto *O Príncipe Feliz*, essa associação entre Wilde e *Art Nouveau* me pareceu pertinente tanto pelo período histórico em que o texto foi escrito, quanto pela temática e pelos elementos envolvidos na narrativa como andorinhas, juncos e estações do ano.

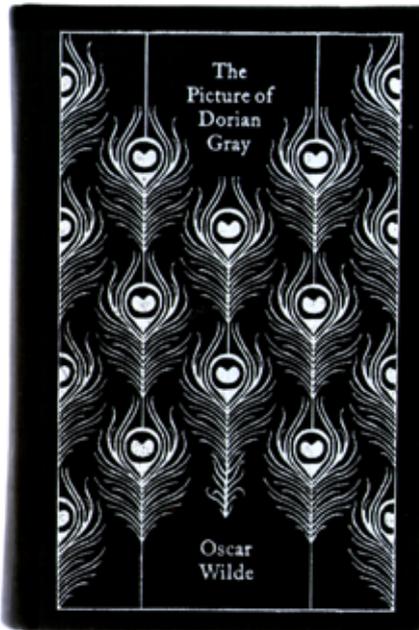
Escolhi a fonte **Teutonic**, criada por Peter Wiegel, para o título na folha de face, porque, para mim, ela faz referência direta ao estilo gráfico dos *letterings* usados em peças publicitárias do *Art Nouveau*. Usei essa fonte



Ilustração feita por Aubrey Beardsley para a publicação de *Salomé*, 1891.



O Retrato de Dorian Gray, 1891.
Editora Abril, São Paulo, 1981.



The Picture of Dorian Gray, 1891.
Penguin Group, New York, 2008.

também como base para desenhar o título na capa. Para todos os outros textos, usei a fonte **Corda**, desenvolvida pela empresa alemã Hoftype, por ser uma fonte de fácil leitura que, mesmo em um tamanho maior, apresenta uma certa leveza e características semelhantes à **Teutonic**.

Fonte desenhada manualmente para a capa de *O Príncipe Feliz*. Ilustração Digital, 2017.

Já realizei outros trabalhos que foram publicados, porém, apesar de ter me interessado por suas diagramações, nunca fui responsável direto por essa tarefa, com exceção de trabalhos acadêmicos e portfólios.

Para pensar a diagramação de *O Príncipe Feliz*, usei os *layouts* dos *thumbnails* que criei para cada ilustração nos quais já havia predeterminado espaços para serem ocupados por manchas de texto e ilustrações. Isso me permitiu dar equilíbrio à composição das páginas, integrando texto e imagem sem criar blocos de cores que se sobrepusessem às ilustrações.

Sendo ao mesmo tempo ilustrador e diagramador desse livro, pude adaptar as imagens o quanto quisesse. Dei atenção especialmente a todas as imagens nas quais apliquei a retícula de respingos brancos para que ela não dificultasse a leitura, apagando apenas os respingos em excesso.

PRIMEIRAS IMPRESSÕES

As dimensões escolhidas para o livro foram de 19 por 28 centímetros. Um tamanho que considero grande o suficiente para valorizar as ilustrações e pequeno o bastante para serem facilmente manipuladas. Escolhi fazer o livro em capa dura pela maior durabilidade e também por fazer questão de que o livro tivesse folhas de guarda. O livro tem 50 páginas, o papel usado foi Couchê Fosco com 150g/m e impresso pela Gráfica da UFRGS. Essa edição não comercial tem dez cópias por se tratar de uma edição com a finalidade exclusiva de apresentação do trabalho de conclusão de curso.

105

Penso, porém, que esse trabalho poderia ter uma nova edição, com a finalidade de circular comercialmente. Para isso, seriam necessárias algumas reformulações. A tradução teria que ser adquirida ou feita novamente por outro tradutor por questão do uso de direitos autorais. Alguns elementos visuais, como o uso de cores e papéis especiais na impressão, poderiam ser repensados também. Teria de ser feito o registro de *ISBN (International Standard Book Number)* na Biblioteca Nacional, que infelizmente não pude realizar por ser o ilustrador e não o autor.

OUTRA MORAL DA HISTÓRIA

O processo de ilustrar o conto de Wilde foi extremamente trabalhoso mas também satisfatório. Como foi um projeto longo, desde o início tive um lema para lidar com o meu transtorno obsessivo compulsivo: acabado, não perfeito. Eu não quis ficar revisitando todas as etapas toda vez que tivesse uma nova ideia. Tive de engavetar o material cada vez que dava por concluída uma parte do processo, como se aquilo não me pertencesse mais. A principal parte do trabalho para mim foram as ilustrações, mas também tive de dar tempo às outras funções. Fui editor, designer, revisor, produtor e, principalmente, meu próprio assistente. Muitas vezes tive de me forçar a trabalhar como se existisse um segundo Pedro me dando tarefas que eu não queria fazer.

A pré-banca foi essencial para que eu pudesse ter um *feedback* de alguém que não tivesse estado mergulhado exclusivamente dentro desse trabalho como eu estava. Também pude tomar uma semana para me afastar um pouco, enquanto me preparava para a apresentação. Os professores contribuíram ao apontar coisas que eu não havia notado com a visão de túnel que desenvolvi ao longo do processo.

De todos os projetos megalomaniacos que considerei realizar, este, talvez, tenha sido o único viável, mesmo que tenha se revelado muito mais complexo do que eu havia imaginado no princípio.

Agora, dias antes de fechar este trabalho, já consigo ter perspectivas para ver que o lema que tive durante este o processo, apesar de útil, foi uma mentira que contei a mim mesmo. Eu poderia ficar revisitando novamente todas as partes desse livro ou nunca tê-lo em minha frente novamente, ainda assim ele nunca estaria acabado, e nunca estaria perfeito.

BERNER, Rotraut Susanne. *Diário de Livros*. 2009. Editora Octavo, São Paulo, 2010.

DICKENS, Charles; HELQUIST, Brett (adapt. e ilustr.). *A Christmas Carol*. 50p. 1843. HarperCollins, Nova Iorque, 2009.

HOLLAND, Merlin. *The Real Trial of Oscar Wilde*. 2003. 384p. Harper Perennial, Nova Iorque, 2004.

NETO, Simões Lopes. *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. 1912-1913. 328p. L&PM, Porto Alegre, 2012.

POWERS, Alan. *Era Uma Vez Uma Capa: História Ilustrada da Literatura Infantil*. 2003. 144p. Cosac Naify, São Paulo, 2008.

RAMOS, Paula. *A Modernidade Impressa: Artista Ilustradores da Livraria do Globo - Porto Alegre*. 2016. 656p. UFRGS Editora, Porto Alegre, 2016.

SAMARA, Timothy. *Grid: Construção e Desconstrução*. 2002. 208p. Cosac Naify, São Paulo, 2015.

SNICKET, Lemony; HELQUIST, Brett (ilustr.). *A Series of Unfortunate Events: The Bad Beginning*. 1999. 170p. HarperCollins, Nova Iorque, 1999.

SNICKET, Lemony; HELQUIST, Brett (ilust.). *A Series of Unfortunate Events: The Reptile Room*. 1999. 200p. HarperCollins, Nova Iorque, 1999.

SNICKET, Lemony; HELQUIST, Brett (ilust.). *A Series of Unfortunate Events: The Carnivorous Carnival*. 2002. 296p. HarperCollins, Nova Iorque, 2002.

VERÍSSIMO, Érico; FURNARI, Eva (ilust.) *As Aventuras do Avião Vermelho*. 1936. 48p. Companhia das Letrinhas, São Paulo, 2003.

116 WATANABE, Chisato. *Oscar Wilde no Brasil: Uma Análise das Três Traduções Brasileiras do Conto “The Happy Prince” e uma Nova Proposta de Tradução*. 2010. 79p. Monografia, Universidade Federal do Paraná, 2010.

WILDE, Oscar. *A Balada do Cárcere de Reading*. 1898. 88p. Nova Alexandria, São Paulo, 1999.

WILDE, Oscar. *De Profundis*. 1897. 208p. Tordesilhas, São Paulo, 2014.

WILDE, Oscar. CAVALCANTI, Romero (ilust.). *O Fantasma de Canterville*. 1887. 96p. Casa da Palavra, São Paulo, 2011.

WILDE, Oscar. SHEARRING, Maisie Paradise (ilust.). *O Príncipe Feliz*. 1888. 48p. SM Editora, São Paulo, 1969.

WILDE, Oscar. *O Retrato de Dorian Gray*. 1891. 270p. Editora Abril, São Paulo, 1981.

WILDE, Oscar; SCHNEIDER, Otto (trad.). *Os mais brilhantes contos de Oscar Wilde*. 1888. 208p. Edições de Ouro, Rio de Janeiro, 1969.

WILDE, Oscar. BEARDSLEY, Aubrey (ilust.). *Salomé*. 1894. 66p. Dover Publication, New York, 2010.

WILDE, Oscar. *The Picture of Dorian Gray*. 1891. 262p. Penguin Group, New York, 2008.

Bolota e Chumbrega. Direção: Francisco Pinto. Animação, 11 minutos, cor. Armazém de Imagens: Brasil, 2009.

As Aventuras do Avião Vermelho. Direção: Francisco Pinto; José Maia. Animação, 72 minutos, cor. Imagem Filmes: Brasil, 2013.

Dino Aventuras. Direção: André Forni. Animação, 20 episódios de 7 minutos, cor. Cinefilm: Brasil, 2015.

Na parte mais alta da cidade, numa alta coluna, ficava a estátua do Príncipe Feliz. Era toda coberta de folhas finas de ouro, no lugar dos olhos havia duas safiras brilhantes, e um enorme rubi enfeitava o cabo da sua espada.

O Príncipe era de fato muito admirado por todos.

– É bonito como um galo dos ventos – observou um dos Conselheiros da Cidade, querendo ganhar a fama de alguém com bom gosto artístico – Só não é muito útil – acrescentou, com receio de que o tomassem por um homem pouco prático, o que realmente ele não era.

– Por que você não é como o Príncipe Feliz? – perguntou uma mãe perspicaz ao seu filhinho que teimava em chorar – O Príncipe Feliz nunca chora por nada.

– Ainda bem que existe alguém feliz neste mundo – murmurou um homem desiludido, admirando a estátua maravilhosa.

– Parece um anjo – disseram as crianças do orfanato ao saírem da catedral com seus mantos vermelhos brilhantes e seus aventais brancos e limpos.

– Como vocês sabem? – perguntou o Professor de

Matemática – Vocês nunca viram um anjo.

– Ah, vimos sim, em nossos sonhos – responderam as crianças. E o professor, com ar severo, franziu a testa, pois não aprovava que as crianças fossem sonhadoras.

Certa noite, uma Andorinha macho sobrevoou a cidade. Seu bando havia partido para o Egito há seis semanas, mas ela ficara para trás, pois se apaixonara pela mais bela planta de Junco. A Andorinha a conhecera no começo da primavera, quando descia o rio atrás de uma enorme mariposa amarela. Ficara tão encantada com a cintura esbelta da planta que resolveu parar para conversar com ela.

– Quer ser minha namorada? – perguntou a Andorinha de um modo bem

direto, e a planta fez uma reverência profunda. Então o pássaro voou várias vezes

ao redor dela, tocando a água com as asas, formando ondas prateadas. Assim ele fazia a corte, que durou todo o verão.

– É um relacionamento ridículo – chilreavam as outras Andorinhas – Ela não tem dinheiro e tem uma família grande – e, de fato, o rio estava cheio de Juncos. E então, quando

chegou o outono, todos partiram. Depois que foram embora, a Andorinha se sentiu só e começou a se aborrecer com a sua amada.

– Ela não tem assunto, e suponho que seja leviana, já que está sempre flertando com o vento – E, realmente, sempre que o vento soprava, o Junco fazia os movimentos mais graciosos – Além disso, ela é muito doméstica – continuou – mas eu gosto de viajar, e a minha esposa também tem que gostar de fazer o mesmo.

– Quer vir comigo? – por fim, sugeriu a Andorinha. Mas a planta balançou a cabeça negativamente, por ser muito apegada ao lar.

– Você se divertiu às minhas custas – gritou a Andorinha – Vou-me embora para as pirâmides. Adeus! – e foi embora para longe.

A Andorinha voou o dia inteiro, e chegou à cidade de noite.

– Onde será que posso descansar? – disse – Espero que a cidade tenha feito preparativos.

Então ela avistou a estátua sobre a alta coluna.

– Vou descansar ali – disse – Está numa localização boa,

com muito ar fresco – Assim, ela pousou bem entre os pés do Príncipe Feliz.

– Tenho uma cama de ouro – disse baixinho para si mesmo, olhando ao redor e se preparou para dormir. Mas, quando estava ajeitando a cabeça sob as asas, uma gota-d’água caiu sobre a Andorinha.

– Que estranho! – gritou – Não tem uma nuvem no céu, as estrelas estão brilhando, mas ainda assim está chovendo. O clima no norte da Europa é realmente horrível. O Junco gostava de chuva, mas era por puro egoísmo.

E caiu outra gota.

– Para que serve uma estátua se não consegue me proteger da chuva? – disse – Preciso procurar uma boa chaminé – e decidiu voar.

Mas antes de abrir as asas, uma terceira gota caiu, e ela olhou para cima, e viu – Ah! O que ela viu?

Os olhos do Príncipe Feliz estavam cheios de lágrimas, que escorriam pela face dourada. Seu rosto era tão bonito à luz da lua que a Andorinha foi tomada de pena.

– Quem é você? – perguntou.

– Eu sou o Príncipe Feliz.

– Então por que você está chorando? – perguntou a Andorinha – Você me molhou.

– Quando eu era vivo e tinha um coração humano – respondeu a estátua – eu não sabia o que eram lágrimas, pois morava no palácio de Sans-Souci, onde a entrada da dor não era permitida. Durante o dia, eu brincava com meus companheiros no jardim, e à noite conduzia a dança no Grande Salão. Havia um muro elevado ao redor do jardim, mas nunca me importei em perguntar o que havia além do muro, pois tudo ao meu redor era muito bonito. Meus cortesãos me chamavam de Príncipe Feliz, e eu era mesmo feliz, se felicidade consiste em prazer. Assim vivi, e assim morri. E agora que estou morto, me puseram neste lugar tão alto que consigo ver toda a feiura e a miséria da minha cidade e, apesar de o meu coração ser feito de chumbo, não consigo conter as lágrimas.

– O quê? Quer dizer que ele não é feito de ouro maciço? – a Andorinha apenas pensou, pois ela era muito educada para fazer observações pessoais em voz alta.

– Longe daqui – continuou a estátua em uma voz baixa

e musical – longe daqui, numa ruela, existe uma choupana. Uma das janelas está aberta, e através dela consigo ver uma mulher sentada à mesa. Seu rosto é magro e abatido, e ela tem mãos ásperas e vermelhas, toda furada de agulha, por ser costureira. Ela está bordando passifloras no vestido de cetim para a mais bela dama de honra da Rainha vestir no próximo Baile da Corte. No canto do quarto, seu filhinho está doente na cama. Ele tem febre, e está pedindo laranjas. Sua mãe não tem nada para dar além da água do rio, por isso ele está chorando. Andorinha, Andorinha, minha Andorinha, você pode arrancar o rubi do punho da minha espada e levar para a mulher? Meus pés estão presos neste pedestal e não consigo me mover.

– Meus amigos estão me esperando no Egito – disse a Andorinha – Eles estão sobrevoando o rio Nilo, e conversando com as grandes flores de lótus. Logo, eles dormirão no túmulo do grande Rei. O Rei está repousando no seu caixão pintado, envolto em linho amarelo, e embalsamado com incenso. Seu pescoço está ornado de corrente de jade verde, e suas mãos parecem folhas murchas.

– Andorinha, Andorinha, minha Andorinha – disse o Príncipe – não ficará uma noite comigo e ser meu mensageiro? O menino está com tanta sede, e a mãe está tão triste.

– Acho que não gosto de meninos – respondeu a Andorinha – No verão passado, quando ia ao rio, dois meninos rudes, filhos de moleiro, sempre atiravam pedras em mim. Claro que eles nunca me acertavam, pois nós, andorinhas, voamos muito rápido e, além disso, provenho de uma família famosa pela agilidade; mas, ainda assim, era falta de educação.

Mas o Príncipe Feliz parecia tão triste que a pequena Andorinha ficou com pena.

– Faz muito frio aqui – disse – mas vou ficar com você por uma noite, e serei seu mensageiro.

– Obrigado, minha Andorinha – agradeceu o Príncipe.

Então, a Andorinha arrancou o enorme rubi da espada do Príncipe e voou com a joia no bico sobre os telhados da cidade.

Ela passou pela catedral, cuja torre tinha anjos brancos esculpidos em mármore. Passou pelo palácio e ouviu o som da dança. Uma linda moça apareceu na sacada com seu namorado.

– Como as estrelas estão lindas – o jovem se dirigiu à amada
– e como o poder do amor é maravilhoso!

– Espero que o meu vestido esteja pronto até o Baile Municipal – respondeu a jovem – Pedi que bordassem passifloras nele, mas as costureiras são tão preguiçosas!

A Andorinha passou pelo rio, e avistou as lanternas penduradas nos mastros dos navios. Passou pelo gueto, e viu os velhos judeus comercializando entre si, e pesando dinheiro nas balanças de cobre. Finalmente chegou à choupana e deu uma olhada dentro. O menino se debatia febrilmente na cama, e a mãe havia adormecido, de tanto cansaço. A Andorinha entrou, e deixou o enorme rubi na mesa ao lado do dedal da costureira. Depois disso, voou gentilmente até a cama e, com as asas, abanou a testa do menino.

– Estou me sentindo mais fresco – disse o menino – Devo estar melhorando – e mergulhou num sono gostoso.

Depois disso, a Andorinha voltou ao Príncipe Feliz e contou-lhe o que havia feito.

– Que estranho – observou a Andorinha – mas agora estou me sentindo mais aquecida, apesar de estar fazendo muito frio.

– É porque você praticou uma boa ação – explicou o Príncipe. E a pequena Andorinha começou a pensar e adormeceu. Pensar sempre a deixava com sono.

Quando amanheceu, a Andorinha voou rio abaixo e tomou um banho.

– Que fenômeno curioso! – disse o Professor de Ornitologia enquanto atravessava a ponte – Uma andorinha no inverno! – E escreveu uma longa carta sobre o assunto ao jornal local. Todos comentaram a carta, pois estava cheia de palavras que ninguém entendia.

– Esta noite vou para o Egito – disse a Andorinha, feliz com a possibilidade. Ela visitou todos os monumentos públicos, e permaneceu por um longo tempo na torre da igreja.

Em todos os lugares em que passava, os outros Pardais chilrearam, comentando entre si:

– Que estrangeira diferente!

E a Andorinha se orgulhava muito com isso, sentindo-se muito feliz.

Quando a lua surgiu, ela voltou ao Príncipe Feliz.

– Tem algum recado para o Egito? – perguntou – Já estou

partindo.

– Andorinha, Andorinha, minha Andorinha – disse o Príncipe – não ficará mais uma noite comigo?

– Meus amigos estão me esperando no Egito – respondeu a Andorinha – Amanhã eles voarão à Segunda Catarata. Os hipopótamos descansam nos juncos, e sobre um trono de granito senta o Deus Memnon. Durante toda a noite ele admira as estrelas, e quando a estrela da manhã brilha, ele dá um grito de alegria, e volta ao silêncio. À tarde, os leões amarelos chegam à beira do rio para beber água. Eles têm olhos como berilos verdes, e seu rugido é mais alto que o rugido da catarata.

– Andorinha, Andorinha, minha Andorinha – disse o Príncipe – longe daqui, no outro lado da cidade, vejo um jovem em um sótão. Ele está debruçado sobre uma mesa coberta de papéis, e no vaso ao seu lado há um ramo de violetas murchas. Seu cabelo é crespo e castanho, seus lábios são vermelhos como uma romã, e tem olhos grandes e sonhadores. Está tentando terminar uma peça para o Diretor do Teatro, mas está com tanto frio que não consegue escrever mais. Não há fogo na

lareira, e ele desmaiou de fome.

– Ficarei com você mais uma noite – disse a Andorinha, que realmente tinha um bom coração – Quer que eu leve outro rubi para ele?

– Ah! Não tenho mais rubis – disse o Príncipe – mas sobraram os meus olhos. São feitos de safiras raras, trazidas da Índia há centenas de anos. Arranque um e leve até ele, assim venderá ao joalheiro, comprará comida e lenha e terminará a peça.

– Meu Príncipe – disse a Andorinha – Não posso fazer isso – e começou a chorar.

– Andorinha, Andorinha, minha Andorinha – disse o Príncipe – faça o que estou pedindo.

Então, a Andorinha arrancou o olho do Príncipe e voou até o sótão do estudante. Foi fácil entrar no quarto, pois havia um buraco no telhado e entrou através dele. O jovem tinha a cabeça enterrada nas mãos, por isso não ouviu o bater das asas do pássaro, e quando ele levantou a cabeça, encontrou uma linda safira entre as violetas murchas.

– Estou começando a ser reconhecido – gritou o homem –

isto deve ser de algum grande admirador. Agora posso acabar a minha peça – e parecia muito feliz.

No dia seguinte, a Andorinha voou até o porto. Ela pousou no mastro de um enorme navio e observou os marinheiros transportando grandes caixas amarradas às cordas. Os marinheiros gritavam enquanto jogavam as caixas.

– Estou indo para Egito! – gritou a Andorinha, mas ninguém lhe deu atenção. Quando a lua surgiu, ela voltou ao Príncipe Feliz.

– Vim lhe dizer adeus – disse a Andorinha.

– Andorinha, Andorinha, minha Andorinha – disse o Príncipe – não ficará mais uma noite comigo?

– É inverno – respondeu a Andorinha – e logo chegará a neve gelada. No Egito, o sol aquece as palmeiras verdes, e os crocodilos deitam-se na lama e olham ao redor preguiçosamente. Minhas companheiras estão construindo ninhos no Templo de Baalbec, e as pombas rosas e brancas conversam entre elas, enquanto as observam. Meu Príncipe, devo deixá-lo, mas nunca vou esquecê-lo, e na próxima primavera trarei duas joias no lugar daquelas que você perdeu.

O rubi será mais rubro que uma rosa vermelha e a safira será azul como um belo mar.

– Na praça abaixo – disse o Príncipe Feliz – uma vendedora de fósforos está de pé. Ela deixou cair os fósforos numa sarjeta, e todos se estragaram. Seu pai baterá nela se não levar algum dinheiro para casa, e ela está chorando. Ela não tem sapatos nem meias, e sua cabeça está descoberta. Arranque meu outro olho, e leve até a menina, e seu pai não baterá nela.

– Ficarei com você mais uma noite – disse a Andorinha – mas não posso arrancar seu olho. Se eu fizer isso, você ficará completamente cego.

– Andorinha, Andorinha, minha Andorinha – disse o Príncipe – faça o que estou pedindo.

Então, a Andorinha arrancou outro olho do Príncipe, e voou com ele. Ela sobrevoou a vendedora de fósforos, e deixou cair a joia na palma da mão da menina.

– Que pedaço de vidro bonito! – gritou a menina, e correu para casa rindo.

A Andorinha voltou ao Príncipe.

– Você está cego agora – disse – então ficarei com você para

sempre.

– Não, minha Andorinha – disse o Príncipe – Você precisa partir ao Egito.

– Ficarei com você para sempre – disse a Andorinha, e dormiu nos pés do Príncipe.

Durante todo o dia seguinte, a Andorinha pousou no ombro do Príncipe e contou-lhe sobre o que havia visto em terras estranhas. Contou sobre as íbis vermelhas, que formavam fileiras na beira do Rio Nilo, e pegavam peixes dourados com bicos; sobre a Esfinge, que é tão antiga quanto o próprio mundo e mora no deserto, e sabe de tudo; sobre os mercadores, que andam vagarosamente ao lado de seus camelos, e carregam contas de âmbar nas mãos; sobre o Rei das Montanhas da Lua, que é negro como ébano, e venera um enorme cristal; sobre a grande serpente verde que dorme em uma palmeira, e possui vinte sacerdotes para alimentá-la com bolos de mel; e sobre os pigmeus que navegam um enorme lago sobre enorme folhas chatas, e que estão sempre em guerra com as borboletas.

– Minha Andorinha – disse o Príncipe – você me conta

coisas surpreendentes, mas a coisa mais surpreendente de todas é o sofrimento dos homens e das mulheres. Não há Mistério maior que a Miséria. Voe sobre a minha cidade, minha Andorinha, e me conte o que você vê nela.

Então a Andorinha voou pela grande cidade e viu os ricos se divertindo em suas casas suntuosas, enquanto os mendigos sentavam na frente dos portões. Ela voou pelas ruelas escuras e encontrou rostos lívidos de crianças famintas olhando apaticamente as ruas escuras. Debaixo da arcada de uma ponte, dois menininhos estavam deitados e abraçados para se manterem aquecidos.

– Estamos com tanta fome! – diziam.

– Vocês não podem dormir aqui! – gritou o guarda, e os expulsou para a chuva.

A Andorinha voltou e contou ao Príncipe o que havia visto.

– Estou coberto de folhas de ouro fino – disse o Príncipe – você deve tirá-las, uma por uma, e levar aos pobres. Os vivos sempre acham que o ouro pode fazê-los felizes.

A Andorinha então começou a tirar o ouro, folha por folha, até que o Príncipe Feliz ficou cinza e feio. A Andorinha levava

o ouro aos pobres, folha por folha, e as crianças se tornavam mais alegres, rindo e brincando nas ruas.

– Agora temos pão! – exclamavam.

A neve chegou, seguida de geada. As ruas ficaram brilhantes e cintilantes, como se fossem feitas de prata. Pingentes de gelo longo como adagas de cristal pendiam dos telhados das casas. Todos saíam com casacos de pele e os meninos vestiam gorros escarlates e patinavam no gelo.

A pobre Andorinha sentia cada vez mais frio, mas não queria deixar o Príncipe que tanto amava. Ela pegava migalhas de pão na entrada da padaria quando o padeiro não estava vendo e tentava se manter aquecida batendo as asas.

Mas finalmente pressentiu que ia morrer. Mal teve forças para voar até o ombro do Príncipe pela última vez.

– Adeus, meu Príncipe! – disse baixinho – posso beijar a sua mão?

– Estou feliz por saber que você está finalmente partindo para Egito – disse o Príncipe – Você ficou muito tempo aqui. Mas você deve me beijar nos lábios, porque eu amo você.

– Não estou indo para Egito – disse a Andorinha – Estou

indo para Casa da Morte. A Morte é a irmã do Sono, não é?

A Andorinha beijou os lábios do Príncipe Feliz, e em seguida caiu morta aos pés dele.

Nesse momento, ouviu-se um som estranho dentro da estátua, como se alguma coisa tivesse quebrado. O coração de chumbo havia se partido em dois. De fato, a geada era mesmo intensa.

Na manhã seguinte, o Prefeito estava andando na praça com os Conselheiros da Cidade. Ao passarem ao lado da coluna, olharam para a estátua.

– Meu Deus! Como o Príncipe Feliz está deplorável! – disse o Prefeito.

– Como está deplorável mesmo! – gritaram os Conselheiros da Cidade, que sempre concordavam com o Prefeito, e subiram para observar a estátua de perto.

– O rubi caiu da espada, os olhos se foram, e já não é mais dourado – disse o Prefeito – Na verdade, está um pouco melhor que um mendigo!

– Um pouco melhor que um mendigo! – disseram os Conselheiros da Cidade.

– E ainda por cima tem um pássaro morto a seus pés! –
continuou o Prefeito – Precisamos publicar um decreto
proibindo aos pássaros morrerem aqui.

E o Escrivão da Cidade tomou nota da sugestão.

Assim, resolveram derrubar a estátua do Príncipe Feliz.

– Já que deixou de ser belo, deixou de ser útil – disse o
Professor de Arte da Universidade.

Derreteram a estátua em uma fornalha, e o Prefeito
convocou uma assembleia da Corporação para decidir o que
poderia ser feito com o metal.

– Precisamos criar uma outra estátua, claro – disse o
Prefeito – e será a minha estátua.

– A minha estátua – cada um dos Conselheiros da Cidade
disse, e brigaram. Na última vez que ouvi sobre eles, ainda
estavam brigando.

– Que estranho! – disse o supervisor da fornalha – Este
coração de chumbo quebrado não derrete na fornalha. Temos
que jogá-lo fora.

– Traga-me as duas coisas mais preciosas da cidade – disse
Deus a um dos Seus Anjos. O Anjo levou o coração de chumbo

e o pássaro morto.

– Fez a escolha certa – disse Deus – este passarinho cantará
no jardim do meu Paraíso eternamente, e o Príncipe Feliz me
louvará na minha cidade de ouro.

Fontes ADOBE GARAMOND PRO
MICROSOFT JHENGHEI

Papel OFFSET 120g/m²

Impressão GRÁFICA DA UFRGS

